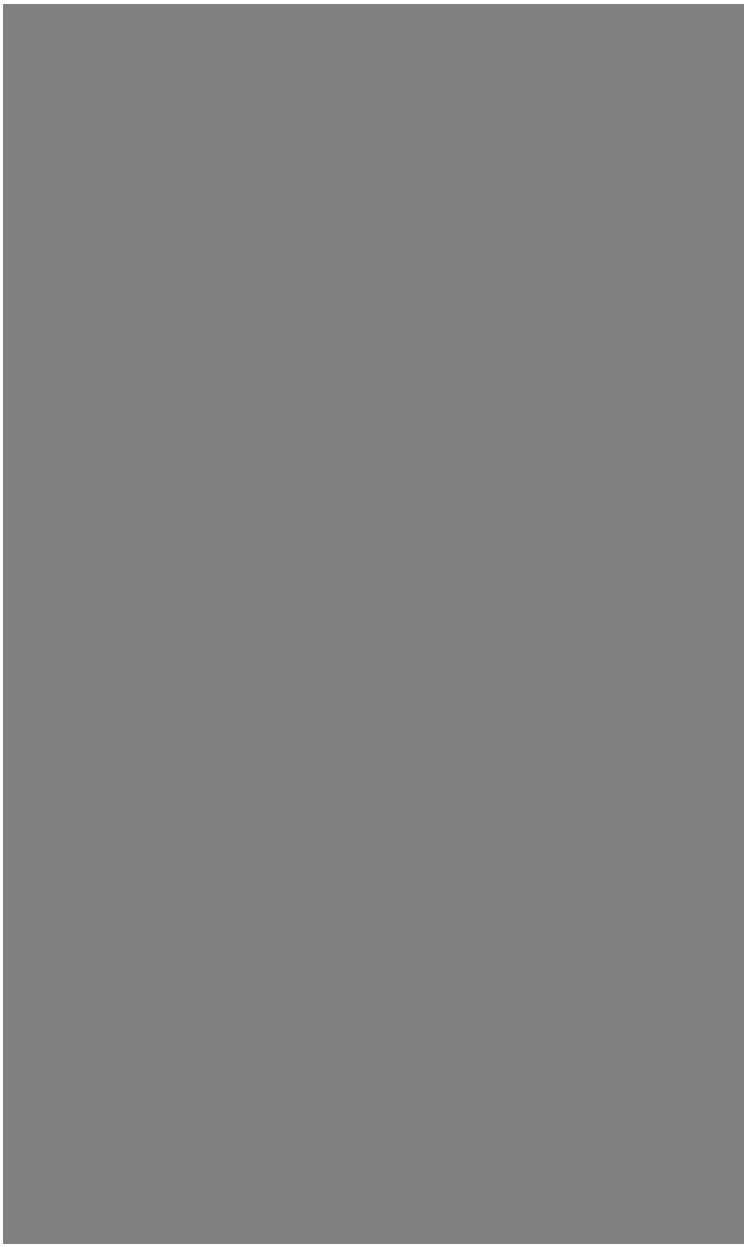
TUDO

Um manifesto da infância

PAULITO DAGEN ROER



TUDO

Um manifesto da infância

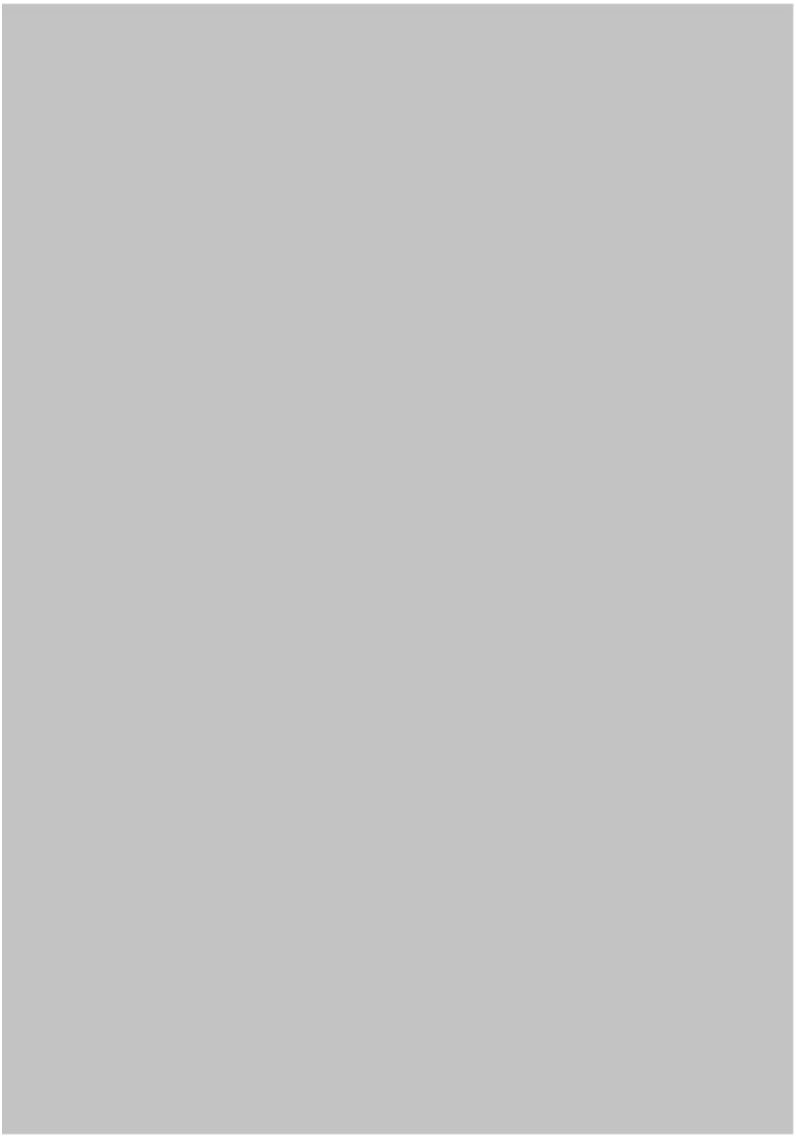
PAULITO DAGEN ROER

BARRETOS

agosto de 2026

"Quem não tem ferramentas de pensar, inventa."
— Manoel de Barros

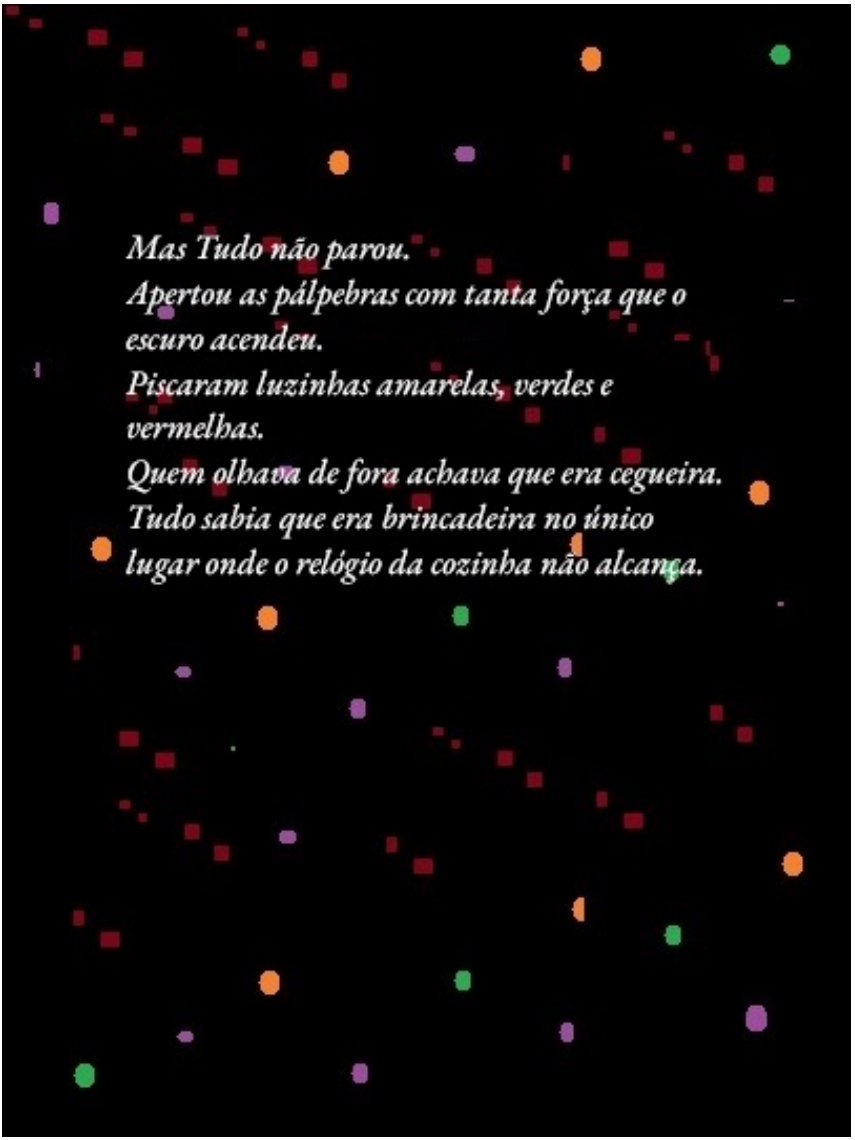
O adulto se abaixa, olha de cima para baixo e pergunta:
— Como é o seu nome?
A criança não responde com menino ou menina. A criança responde:
— Meu nome é Tudo.
Tudo tem o tamanho de tudo o que inventa.



O TEMPO CINZA

O almoço atrasou quinze batidas de colher na mesa.
Ninguém come barulho, mas o barulho avisa que a fome está pesada.

Uma voz adulta disse:
— Pare de perder tempo de olhos fechados!


Mas Tudo não parou.
Apertou as pálpebras com tanta força que o escuro acendeu.
Piscaram luzinhas amarelas, verdes e vermelhas.
Quem olhava de fora achava que era cegueira.
Tudo sabia que era brincadeira no único lugar onde o relógio da cozinha não alcança.

O FIM DO CINZA
Um cheiro de feijão queimou o
cinza da tarde.
O prato estalou na mesa.
Tudo abriu os olhos.

As luzinhas coloridas tomaram um susto e
sumiram para dentro da cabeça.
O mundo de fora estava aceso outra vez.
A colher, que antes fazia barulho de protesto,
agora servia para silenciar a fome.

A voz adulta olhou para o prato e disse:

— Coma tudo para crescer e ser alguém.

Tudo engoliu o feijão em silêncio.
Tudo já era alguém, mas os adultos só
conseguiam ver o tamanho das pernas.

O DIA QUE NOTURNA

O sol do meio-dia era forte demais.
Deixava as calçadas muito limpas,
os relógios muito exatos
e as ordens dos adultos muito
nítidas.

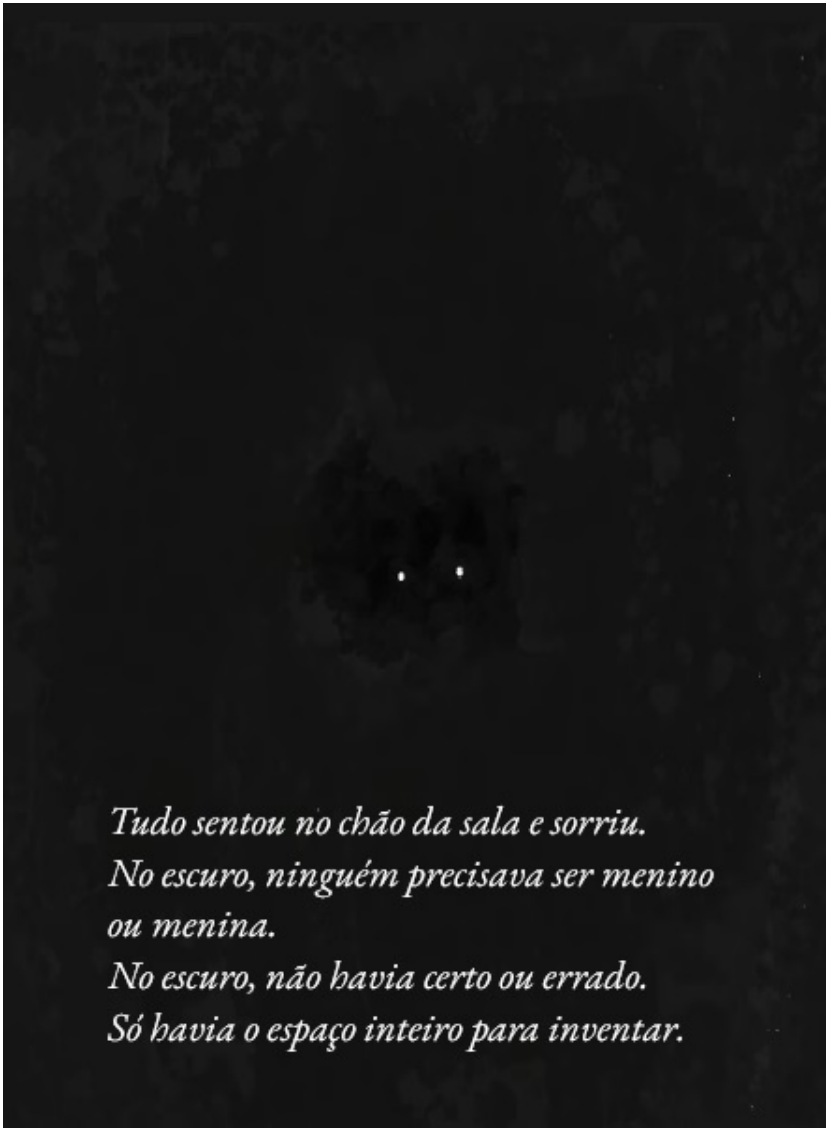
Aquela claridade toda dava uma espécie de sono ao contrário.
As coisas muito claras noturnavam o nosso Dengo.

Uma voz de afeto chama na janela:

— Vem para dentro, meu ***Xodó****, que a luz já está acabando.*

Mas Tudo não tem medo do fim da luz.
Para Tudo, o escuro que chega é apenas um lençol comprido para cobrir o mundo.
O fim da tarde chegou para dissipar.

O portão de ferro perdeu a linha reta.
A sombra do pé de manga engoliu o muro vizinho.
No escuro que vinha vindo, o mundo finalmente ficava misterioso e sem bordas.

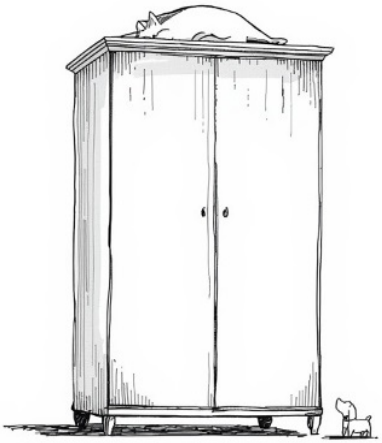

Tudo sentou no chão da sala e sorriu.
No escuro, ninguém precisava ser menino
ou menina.
No escuro, não havia certo ou errado.
Só havia o espaço inteiro para inventar.

A Apresentação de Odisseu

No meio do escuro que tudo inventa,
apareceu Odisseu.
Odisseu não era um herói de armadura.
Era um cachorro com as duas orelhas caídas
e cobertas de doce de leite.
Para os adultos, ele só sabia roer meias.
Para Tudo, ele era o capitão da casa.

Odisseia Capítulo 1: O Monstro do Corredor

A jornada de Odisseu começou no tapete da sala. Ele precisava cruzar o corredor comprido, onde o Armário de Casacos roncava alto.



O Armário tinha dentes de madeira e guardava o inverno inteiro na barriga. Odisseu latiu baixinho para não acordar o frio

Odisseia Capítulo 2: O Mar de Azulejos

Depois do corredor, o chão da cozinha virou um oceano gelado de azulejos brancos.
A Geladeira, uma enorme montanha de gelo que zumbia no escuro, soprava ventos polares.

Odisseu precisou navegar na ponta das patas para não congelar o focinho.

Odisseia Capítulo 3: O Canto das Cadeiras Sereias

As Cadeiras da mesa de jantar começaram a cantar.
Elas balançavam as pernas de madeira e prometiam o melhor descanso do mundo.

"Fique aqui, Odisseu, morda nossos pés de jacarandá", elas sussurravam.
Mas o capitão fechou os olhos e seguiu em frente.

Odisseia Capítulo 4: Quem é Penélope

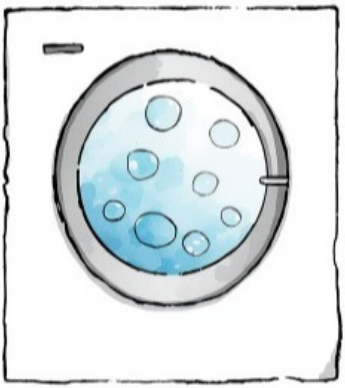
No topo da montanha de almofadas do sofá, morava Penélope.
Penélope era uma gatinha de pelúcia com olhos de botão azul e um laço fita no pescoço.

Ela nunca saía do lugar, mas seus olhos de botão seguiam Odisseu por toda parte.
Para o mundo, ela era feita de pano. Para o capitão, ela era a rainha de Ítaca.

Odisseia Capítulo 5: O Ciclone

Para impressionar Penélope, Odisseu precisava resgatar a Meia Listrada Sagrada.

Mas o tesouro estava preso dentro do Ciclone da Máquina de Lavar.



A Máquina rugia, girava o mundo de cabeça para baixo e soltava bolhas de sabão assustadoras.

Odisseu rosnou para o monstro redondo e esperou o clique final para o resgate.

Odisseia Capítulo 6: O Redemoinho do Banheiro

Com a meia na boca, o capitão enfrentou o pior caminho de volta: o Banheiro.
Lá, o Ralo do chão era um redemoinho faminto que tentava engolir os barulhos da casa.

A descarga do vaso soava como uma cachoeira brava que despencava do teto.
Odisseu deu um salto heróico sobre o tapete molhado e escapou ileso.

Odisseia Capítulo 7: O Retorno a Ítaca

Cansado e com as patas sujas de poeira,
Odisseu escalou a montanha de almofadas.
Ele depositou a Meia Listrada bem aos pés de Penélope.

A gatinha de pelúcia não latiu, não miou e não se moveu.
Mas o laço de fita dela pareceu balançar um milímetro de pura alegria. A odisseia tinha fim.

O Retorno de Tudo

Tudo viu a odisseia inteira acontecer
debaixo do sofá.
Viu quando o capitão cruzou o mar de
azulejos por causa de Penélope.
Os adultos só enxergavam uma meia velha e
um cachorro dormindo.
Tudo enxergava o amor que esperava em
Penélope.

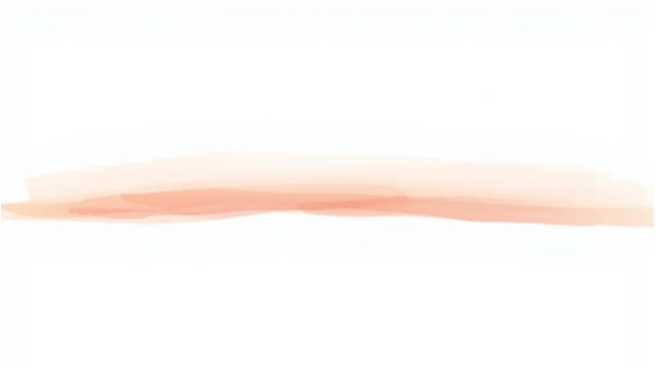
O Segredo Compartilhado

Tudo deitou no chão ao lado de Odisseu.
Ficou bem perto da imobilidade macia de Penélope.

Naquele silêncio que multiplica as coisas, os três inventaram um plano secreto.
Um plano para salvar o mundo das coisas muito nítidas.
Salvar o mundo por causa de Penélope.

A Invenção do Amanhecer

O plano era simples como a lógica da infância:



Se o dia dos adultos amanhece cheio de relógios e pressa,
Tudo ia inventar um amanhecer que amanhecesse devagar.
Um amanhecer com cheiro de mato e silêncio de Penélope.

A Manivela do Sono

Odisseu latiu para o sol que nascia
lá fora.
Mas Tudo acionou a sua manivela
invisível de pegar no sono.
Fechou os olhos com força de novo.
Deixou que o mundo redondo dos
adultos girasse sozinho na cozinha.
O verdadeiro mundo estava seguro
nos olhos de botão de Penélope.

O Manifesto Final

Os adultos continuam perguntando o nome e medindo as pernas.
Continuam correndo atrás do tempo que acham que perderam.

Mal sabem que o tempo não cabe em relógios de pulso.
O tempo cabe inteiro dentro de quem se chama Tudo.

O Último Silêncio

E quem não tem
ferramentas de pensar...
Inventa Odisseu.
Inventa Penélope.
Inventa o nada.
Inventa tudo.

Sobre o que se dissipa

Esta história não tem começo nem fim, porque o tempo de quem inventa não cabe em linhas retas.

Tudo começou na recusa de uma colher vazia e na coragem de fechar os olhos para enxergar o invisível. Ao se batizar com o nome de sua própria imensidão, a infância deste livro nos lembra que antes de sermos o que os adultos medem, nós já somos o universo inteiro.

Ao lado de Odisseu — o capitão de pelagem branca e orelhas doces — e sob o olhar imóvel e azul de Penélope, aprendemos que a maior jornada humana acontece debaixo do sofá, entre o bater de uma colher e o cheiro do feijão que queima o cinza da tarde.

Quem lê este livro não encontra respostas prontas. Encontra o espaço aberto do despropósito. Porque quando as ferramentas do mundo adulto finalmente falham e as certezas muito claras nos noturnam, só nos resta uma saída poética: sentar no chão da sala e, em silêncio, inventar tudo outra vez.

Quem tem ferramentas de adulto, mede o tempo.
Quem tem ferramentas de lógica, escolhe um lado.

Mas quem não tem ferramentas de pensar...
Inventa.

Conheça Tudo, uma criança que acende o escuro com as pálpebras, e Odisseu, um capitão desajeitado de orelhas cobertas de doce de leite, em uma jornada onde o silêncio se multiplica e as coisas claras noturnam. Uma história sobre a imensidão que habita a infância.

fundamento